

**FACULDADE CIDADE JOÃO PINHEIRO**  
**GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**ROSELENE GONÇALVES DE OLIVEIRA SILVA**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO-TEA:  
assistência de enfermagem ao paciente com suspeita ou  
diagnóstico de autismo**

**JOÃO PINHEIRO-MG**

**2018**

**ROSELENE GONÇALVES DE OLIVEIRA SILVA**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO-TEA:  
assistência de enfermagem ao paciente com suspeita ou  
diagnóstico de autismo**

Artigo desenvolvido durante a disciplina de TCC, como requisito parcial para obtenção do título de graduação no ano 2018.

Prof. Orientador: Esp. Patrícia Helena da Silva

Prof. Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

**JOÃO PINHEIRO-MG**

**2018**

**ROSELENE GONÇALVES DE OLIVEIRA SILVA**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO-TEA:  
assistência de enfermagem ao paciente com suspeita ou  
diagnóstico de autismo**

Artigo apresentado dia 12 de dezembro de 2018 a Faculdade Cidade de João Pinheiro - FCJP, para obtenção do título de bacharel em enfermagem.

**Orientadora:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Esp. Patrícia Helena da Silva

Faculdade Cidade de João Pinheiro

**Examinadora:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Ms. Giselda Shirley da Silva

Faculdade Cidade de João Pinheiro

**Examinadora:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Esp. Graciele Gomes da Silva

Faculdade Cidade de João Pinheiro

**Examinadora:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Esp. Rogéria Alves Rosa

Faculdade Cidade de João Pinheiro

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pois sem Ele, eu não teria forças para essa longa jornada.

Agradeço também ao meu esposo, Jorcelino, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos difíceis.

Agradeço também as minhas filhas, Carolina e Karina, meu filho Carlos Daniell e meu genro Romário, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

Agradeço grandiosamente a meus pais, João e Edvirges, por seus cuidados e dedicação para comigo em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a minha professora orientadora Patrícia Helena que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Agradeço também aos meus professores que durante muito tempo me ensinaram e me incentivaram a estudar cada dia mais, aos amigos companheiros de trabalhos e em especial minha amiga Tatiana que sempre esteve do meu lado me dando apoio nessa longa caminhada.

# **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO-TEA: assistência de enfermagem ao paciente com suspeita ou diagnóstico de autismo**

Roselene Gonçalves de Oliveira Silva<sup>1</sup>

Patrícia Helena da Silva<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O autismo é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento. Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. Devido às dificuldades que os autistas apresentam em termos de cognição e de socialização, o papel da equipe de enfermagem torna-se imprescindível para ajudar no tratamento das crianças com autismo. O presente artigo objetivou-se em identificar o papel do enfermeiro na assistência ao paciente com diagnóstico de autismo, caracterizar seus principais sinais e sintomas, enfatizar a importância na detecção precoce do transtorno, identificar a importância do processo de conhecimento do profissional de enfermagem frente o impacto da família ao diagnóstico de autismo e suas dificuldades em lidar com essa situação. A metodologia utilizada, por meio de pesquisa qualitativa com revisão literária, tendo como base bibliográfica os autores como (Melo et al. 2016), (Costa et al. 2004), (Carniel, Saldanha e Fensterseifer, 2013), entre outros que corroboraram com o tema. Com tudo o papel do enfermeiro se mostrou fundamental neste processo, atentando aos sinais e sintomas do autismo e sabendo diferenciar das demais síndromes, proporcionando assim uma boa assistência à criança e seus familiares, encorajando, transmitindo segurança e tranquilidade a todos.

**Palavras-chave:** Autismo, Família, Enfermagem, Assistência e Diagnóstico.

## **ABSTRACT**

Autism is a general condition for a group of complex brain development disorders, before, during or shortly after birth. These disorders are characterized by difficulty in social communication and repetitive behaviors. Due to the difficulties that autistics present in terms of cognition and socialization, the role of the nursing team becomes essential to help in the treatment of children with autism. The present article aimed to identify the role of nurses in the care of patients diagnosed with autism, to characterize their main signs and symptoms, to focus on the importance of early detection of the disorder, and to

---

<sup>1</sup>Graduada, Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP. E-mail: silvaroselene.1980@gmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Enfermagem pela Faculdade Cidade de João Pinheiro. Pós-graduação em urgência e trauma pela PUC Minas. Especializada pelo Estado de Minas Gerais em Assistência Perinatal e Cuidados na Assistência a vítimas de acidentes com materiais biológicos. Docente na Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP e Enfermeira Assistencial do Abrigo Santana (SSVP). E-mail: patriciahelena.jp@hotmail

identify the importance of the nursing professional's knowledge process. family's impact on the diagnosis of autism and their difficulties in dealing with this situation. The methodology used, through a qualitative research with literary review, a case study having as bibliographical basis the authors as (Melo et al., 2016), (Carniel, Saldanha and Fensterseifer, 2013), among others which corroborated the theme. With all the role of the nurse was fundamental in this process, attending to the signs and symptoms of autism and knowing how to differentiate from the other syndromes, thus providing a good assistance to the child and their families, encouraging, transmitting security and tranquility to all.

**Keywords:** Autism, Family, Nursing, Care and Diagnosis.

## I. INTRODUÇÃO

O autismo é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, ao decorrer ou logo após o nascimento. Esses distúrbios são caracterizados pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos (NOGUEIRA; RIO, 2011).

Essa pesquisa é de suma importância, pois através desta pode-se levar vários conhecimentos para a assistência de enfermagem, e é de grande interesse estudar esse tema de modo que, pode gerar um bem-estar para a pessoa autista, pois o conhecimento é fundamental na área da saúde para auxiliar, lidar adequadamente com pessoas portadores de autismo.

Com esta pesquisa, pretende-se levar mais um pouco do conhecimento e um melhor relacionamento entre autista, família e assistência de enfermagem. Entender como o autismo reage em uma criança e procurar entender como tratar uma pessoa com autismo. Porém, intervenções intensivas e precoces são capazes de melhorar os sintomas, por isso é tão importante se dedicar aos conhecimentos sobre ele.

Esse interesse veio por observar uma grande dificuldade que a equipe de enfermagem enfrenta com paciente que possui o transtorno do espectro autismo.

Devido às dificuldades que as pessoas com transtorno do espectro autismo apresentam em termos de cognição e de socialização, o papel da equipe de enfermagem torna-se fundamental para ajudar no tratamento das crianças com transtorno do espectro autismo. A atuação do enfermeiro é importante na assistência às pessoas com transtorno do espectro autismo, contribuindo e auxiliando para construção de novos espaços de

reabilitação psicossocial, fazendo com que esses indivíduos se sintam valorizados diante da sociedade. O autismo corresponde a um quadro que exige abordagem dos diversos profissionais de saúde e que esses visem as questões de desenvolvimento social e comunicativo, incentivando de certa forma a independência do paciente com transtorno do espectro autismo.

Essa pesquisa pretende abordar, analisar e explicar os principais aspectos do autismo, dando destaque a assistência de enfermagem no diagnóstico, procurando caminhos e modos de atender uma pessoa com transtorno do espectro autismo, expandindo o conhecimento sobre a doença, suas causas, consequências e maneiras de lidar com ela. Esse tema chama bastante atenção e desperta um grande interesse, pois existe alguns casos na família. Também devido à observação em convívio hospitalar, pode-se observar uma grande dificuldade que a equipe de enfermagem enfrenta no atendimento de pessoas com transtorno do espectro autismo. Essa pesquisa procurará responder as seguintes perguntas: O que é autismo e como diferenciar as crianças portadoras de Autismo das portadoras de outros transtornos mentais? Como a atuação do enfermeiro pode ser importante para a assistência às pessoas com autismo? Que tipo de formação o enfermeiro deve ter para atender ao paciente com diagnóstico ou suspeita de autismo? Quais as dificuldades que a equipe de enfermagem pesquisada enfrenta para lidar com o autista?

O objetivo geral deste artigo é identificar o papel do enfermeiro na assistência ao paciente com suspeita ou diagnóstico de autismo. O objetivo específico foi focar a importância na detecção precoce do transtorno, identificar a importância do processo de conhecimento do profissional de enfermagem frente o impacto da família ao diagnóstico de autismo e suas dificuldades em lidar com essa situação.

É importante que a equipe de enfermagem tenha conhecimentos suficientes para perceber os primeiros sinais e sintomas que caracterizam esse distúrbio, o enfermeiro, como parte da equipe multiprofissional, deve estar atento a valorização da verbalização, que deve ser inserida no processo de cuidar, pois, a qualificação profissional da equipe de enfermagem ainda não está preparada totalmente para acolher essas crianças com transtorno do espectro autista, o que traz dificuldade para o diagnóstico precoce, e aumenta o estresse familiar que apresenta durante a sua longa jornada em busca de tratamento melhor. (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

O artigo encontra-se estruturado em três seções, onde o primeiro aborda o autismo e seus sinais, o segundo discorre sobre a família que enfrenta o autismo, o terceiro aborda também a relação entre o enfermeiro e os pacientes portadores do espectro autista.

## **II. METODOLOGIA**

Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa que segundo Godoy, (1995), essa pesquisa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. Assim foi utilizado a modalidade de revisão de literatura, que se caracteriza como um tipo de pesquisa, cujo objetivo é buscar uma análise mais aprofundada e detalhada de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular.

A pesquisa teve como base bibliográfica os autores como Melo et al. (2016), Costa et al. (2004), NOGUEIRA; RIO. (2011). Lima et al. (2016), Campos, Oliveira e Silva, (2010), Sousa, Sousa (2017), entre outros que reforçam o tema, e assim fazer uma discussão sobre as facilidades e dificuldades encontradas, na busca de aprimorar e obter mais conhecimento que visam beneficiar as partes pesquisadas. O mesmo foi realizado com duração de aproximadamente 8 meses, durante o ano de 2018.

## **III. REVISÃO DE LIRERATURA**

### **3.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO-TEA E SEUS SINAIS**

O autismo para muitos não é considerado uma doença; para a medicina ainda é um espectro mental, que precisa de muitos estudos, pois afeta muitas pessoas de forma significativa, dificultando o convívio social e familiar (NOGUEIRA; RIO, 2011).

Segundo Nogueira; Rio, (2011), o autismo é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro antes, ao decorrer ou logo após o nascimento. Esses distúrbios são caracterizados pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos.



Conforme Serra, (2010), a criança com espectro autista apresenta dificuldade com a formação da sua própria linguagem, e muitas vezes é nesse momento que a mesma para de falar, pois é entre 2 e 3 anos, que surge a linguagem pragmática e funcional onde a criança deixa de repetir e começa a desenvolver o seu próprio linguajar, com isso os pais que antes ouviam seus filhos repetir as palavras ensinadas e agora não a faz, tem a ideia que seus filhos não eram autistas e ficaram depois, “é muito comum, ao perguntar às famílias sobre o aparecimento dos sintomas, receber como resposta que eles eram ‘normais’ até os 3 anos de idade”.

De acordo com Melo; et al. (2016), o autismo é caracterizado pelas dificuldades que o portador enfrenta, nessas três áreas, a interação social, modo de comportamento e a comunicação que são reduzidas, seus comportamentos são característicos e repetitivos. As principais características são: dificuldade em fazer amigos, interagir com outras pessoas, insistência com gestos idênticos, resistência a mudar de rotina e pouco contato visual.

Por isso são necessários diagnóstico e a intervenção precoce para que o indivíduo com transtorno do espectro autismo consiga levar uma vida mais autônoma e funcional. Com a comprovação da característica comportamental do transtorno e com suas dificuldades de aprendizagem, de socialização entre outros, é possível verificar que a atuação de profissionais e familiares possa contribuir de forma significativa para que essas pessoas tenham uma evolução positiva, possibilitando que eles convivam em sociedade, devido adequação e treinamento de suas habilidades, com isso a uma maior eficácia no tratamento, e assim as características básicas de convivência não sejam desaparecidas no decorrer da vida do indivíduo, mas sim aprimoradas (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

Os autistas são relativamente capazes e aprendizes, precisam então de uma atenção especial que possa disponibilizar uma aprendizagem significativa. Deve ser considerado que todo autista merece ser tratado como ser capaz, a criança com autismo também deve ter suas dificuldades vencidas, através tratamento de qualidade. Mesmo sendo um transtorno mais agressivo, pode-se reduzir alguns comportamentos estereotipados entre outros, assim levar a criança a ter condições de viver socialmente (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

Almeida; Albuquerque, (2017), apesar do transtorno do espectro autista dificultar a socialização e aprendizagem dos portadores, quando seu diagnóstico é feito pode-se

intervir com tratamentos adequados, que possibilitem um desenvolvimento, e assim levar o indivíduo a se relacionar em sociedade, e até ter uma vida autônoma superando as dificuldades.

### **3.2 A FAMÍLIA E O AUTISMO**

A família é a base da formação do indivíduo, é nela que se aprende a relacionar, respeitar, ter disciplina, compartilhar e conviver em sociedade. A relação familiar e as experiências que vão sendo adquiridas, dão ao indivíduo capacidade para administrar conflitos e formar sua personalidade.

“A família se constitui no primeiro contexto relacional de um indivíduo. Por esse motivo, possui importante influência na determinação do comportamento humano e na formação da personalidade” (BUSCAGLIA, 1997; apud ANDRADE; TEODORO, 2012).

Segundo Sprovieri; Assumpção, (2001); apud Andrade; Teodoro, (2012), desde o início da apresentação dos sintomas de autismo, a família sofre grandes mudanças no seu convívio familiar e social, pois as rotinas diárias passam a ser mobilizadas para com a adaptação em torno das dificuldades da criança. A rotina social as vezes também se torna inviável, pois a família se sente insegura em relação as dificuldades e comportamentos apresentados pela criança.

De acordo com Serra, (2010), quando a família é informada sobre a deficiência do seu filho, muitas vezes eles acabam por ficar sem apoio, tanto emocional quanto social, e isso pode acarretar ainda mais a dificuldade de aceitação e adaptação para com o autismo.

Para Krynski (1983), apud Serra, (2010), “há fases vivenciadas pela família, como, por exemplo, a fase do alarme, do estresse, da angústia, da rejeição e da revolta, que costumam ocorrer logo após a notícia”.

Conforme Serra, (2010), a família passa por momentos difíceis que vão desde a aceitação à realidade, e a superação dos novos desafios. Nesse momento muitas famílias buscam uma cura milagrosa e crenças que na verdade só mostram o quão desesperadas essas famílias se encontram, sofrendo por abandono de familiares e amigos mais próximos.

Glat (2002), apud Serra, (2010), mesmo sendo uma família harmônica e afetiva, todas tendem a passar por dificuldades para [...], “com o nascimento de um filho com algum tipo de deficiência ou doença ou o aparecimento de alguma condição excepcional significa uma ruína dos sonhos e da esperança que haviam sido concebido em função dele”.

As famílias de portadores de autismo, sofrem muito com falta de troca afetiva e da comunicação para com seu filho autista, pois os mesmos apresentam dificuldades para entender e transmitir vários sentimentos humanos. “Eles aparentam não ter emoção, mas, na verdade, esse comportamento parece ser resultante de inabilidade cognitiva”. (PETEERS, 1998, apud SERRA, 2010).

Segundo Peteers, (1998), apud Serra, (2010), a colaboração da família é muito importante no desenvolvimento da criança autista no seu convívio escolar, a família pode auxiliar os profissionais fornecendo informações sobre o convívio para com a criança, como a forma de comunicação, suas habilidades e dificuldades e outros comportamentos fazendo com que a escola possa acolher e a ajudar de uma forma mais significativa no desenvolvimento da criança autista.

Além disso a família, enfermeiros, médicos, terapeutas e cuidadores, devem oferecer ao indivíduo, apoio e respeito ao seu comportamento e oferecer um atendimento e treinamento adequado, para que ele possa repeti-lo posteriormente e consiga se adaptar no ambiente que ele se encontra inserido (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

### **3.3 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO TRATAMENTO DO AUTISMO**

O enfermeiro tem um papel muito importante por passar maior tempo com seus pacientes, tendo um contato direto, ele deve sempre criar um ambiente terapêutico com o intuito de ajudar, o paciente autista a se desenvolver na sociedade, dando foco ao cuidado para com o seu afetivo, sua autoestima, buscando atender de forma integral o paciente autista, preservando seus direitos legais com respeito a ética (SOUSA; SOUSA, 2017).

O autismo na infância se tornou um enigma para a saúde pública, por ser complexo e de difícil diagnóstico, além disso, em muitos casos não há profissionais qualificados para lidar, anteder e acompanhar pacientes autistas e suas famílias. Assim tendo uma boa capacitação a equipe de enfermagem adquire um desempenho muito importante tanto

para as crianças diagnosticadas com autismo, como para a família, pois ambos precisam de atenção e cuidados (SOUSA; SOUSA, 2017).

Segundo Campos; Oliveira; Silva, (2010), o enfermeiro, participante ativo nos cuidados para com a saúde infantil e nos procedimentos, que avaliam o desenvolvimento dos pacientes tem papel essencial na triagem, e na identificação e avaliação do desenvolvimento das crianças. O contato do enfermeiro para com a criança pode causar uma leve estranheza por parte da criança, pois ela está acostumada só com a família e ao seu mundo solitário e levará algum tempo para ter confiança e se adequar ao novo ambiente onde se torna tudo estranho.

O Enfermeiro precisa se comprometer com a comunicação para com seus pacientes, procurando meios que facilitem, o desenvolvimento do mesmo, pois a comunicação é resultado de um processo pré-estabelecido, entre paciente e enfermeiro (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

Para Campos; Oliveira; Silva, (2010), o enfermeiro tem um papel muito importante em interagir com a família e paciente, para que ele possa desenvolver suas outras funções técnicas pois a comunicação abre as portas para um atendimento mais efetivo melhorando o cuidado dos pacientes e qualidade do atendimento.

É papel do enfermeiro orientar a família a comunicar-se com a criança em casa, pois assim estarão a estimulando a interagir com a sociedade. O profissional também deve estar sempre informado sobre os ambientes que a criança frequenta e o ambiente familiar: como a criança é criada e tratada e a forma de relacionamento entre as pessoas que moram na casa, para impedir interferências e facilitar tratamento (SANTOS, 2008 apud CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

Campos; Oliveira; Silva, (2010), a família tem que ser orientada a continuar estimulando a comunicação da criança quando ela volta para o seu lar, pois uma boa comunicação pode atribuir grandes avanços em seu desenvolvimento sendo, uma das habilidades mais relevantes a serem estimuladas em uma criança com transtorno do espectro autismo.

O enfermeiro deve acompanhar e auxiliar famílias com algum membro autista, dando assistência, encorajando-os, incentivando o tratamento, buscando maneiras de que visem a evolução positiva de seus pacientes. Para isso, a equipe de enfermagem deve sempre buscar o aperfeiçoado teórico, para que o mesmo venha a perceber sinais que

facilitam a identificação do Transtorno do Espectro Autista, e assim intervir em seu tratamento (MELO; et al. 2016).

É necessário que a procura pelo discernimento se faça presente e que essa motivação seja peculiar em cada profissional, permitindo uma assistência mais qualificada, mais elaborada e mais resolutiva com intervenções mais eficazes, que correspondam às necessidades reais das famílias com crianças especiais. Pois o papel da enfermagem é esse, é cuidar, é dar importância, é construir vínculos com a comunidade que lhe cerca, é se fazer presente e atuante. A importância de um conhecimento mais específico garante uma melhor e maior atuação no planejamento dos profissionais, mediante para a realização de um diagnóstico do autismo em seu início, viabilizando uma implementação dos cuidados mais eficaz (SILVA, et al. 2016 apud ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

O conhecimento quebra conceitos e conduz a elos satisfatórios de relacionamento, assim como valoriza o profissional de enfermagem atribui autonomia na resolução das dificuldades, propondo uma assistência de enfermagem pertinente e precoce à criança com Transtorno de Espectro do Autismo. A criança autista assim como qualquer outra é, um ser especial e único, que necessita de uma sociedade conhecedora de suas limitações e de seus encantos (SILVA, et al. 2016 apud ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

O cuidado com pacientes com transtorno do espectro autismo envolvem diversos profissionais como: Psicólogos, Psiquiatras, Neurologistas, Enfermeiros, Fonoaudiólogos, Terapeutas ocupacionais e outros. O tratamento deve ser iniciado o mais rápido possível após o diagnóstico, para se obter maior eficácia. Deve haver a associação de uma série de intervenções juntos com a família, para que ocorra o desenvolvimento nas diversas áreas. O melhor é que seja iniciado desde o 1º ano de vida (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

É de suma importância que adotem medidas, criando estratégias de ensino que possam qualificar os profissionais da saúde. A fim de auxiliar a equipe de enfermagem para que possa compreender a importância e a habilidade do diagnóstico precoce, que facilite o desenvolvimento e evolução positiva do tratamento. As instituições devem sempre desenvolver estratégias que possam orientar as famílias, para que a mesma consiga identificar os sinais clínicos para ajudar no diagnóstico precoce da criança com transtorno do espectro autismo (SOUSA; SOUSA, 2017).

Para diagnóstico do TEA (Transtorno do Espectro Autista) é importante que haja a interdisciplinaridade dos profissionais que acompanham a criança desde o nascimento. O pré-natal de uma criança já é considerado parte deste processo visto que, de acordo com literatura médica, não existem exames físicos que diagnostiquem o TEA, mas existem informações genéticas e comportamentais dos pais que podem ser um indicador de maior probabilidade da existência do transtorno em determinado indivíduo. Toda etapa dá a criança o suporte para prepará-la para a etapa seguinte. Se o autista não o desenvolve no período correto, perde a oportunidade de aprendê-lo e isso pode ser deletério para o momento seguinte desta idade. A fala, que é um dos pré-requisitos básicos para socialização, aprendizagem da leitura e da escrita, quando não adquirida no período correto, leva o indivíduo a não interagir de forma oral com outras crianças (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 5).

Almeida; Albuquerque, (2017), o cérebro se desenvolve na aprendizagem de determinados estímulos com menor idade. Procurar e identificar na criança aspectos que dificultam sua aprendizagem de acordo com as etapas de seu desenvolvimento, ajudam a ter um diagnóstico mais específico levando em conta a sua idade, possibilitando assim intervir e tratar na tentativa de atingir os melhores resultados para cada caso.

A criança autista precisa de um atendimento diferenciado, pois ela possui um déficit de comunicação, por isso é importante que os cuidados para com ela sejam planejados para atender suas necessidades e também uma tentativa de desenvolver seu diálogo em sociedade, da melhor maneira possível (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

De acordo com Santos, (2008) apud Campos; Oliveira; Silva, (2010), o enfermeiro deve atentar, visando facilitar o seu trabalho aos pequenos detalhes e garantir o bem-estar e a segurança do paciente. É preciso aproximar-se e ganhar a confiança da criança e da família demonstrando o interesse e passar segurança para o paciente. Entendemos que o enfermeiro deve realizar uma assistência que vise compreender e estimular a comunicação verbal, conversando com a criança usando o seu nome, dando nome aos objetos para que a criança faça o mesmo; estimular a criança a desenvolver novos movimentos, assim ela deixa os repetitivos, supervisionar as atividades para que a criança continue aprendendo, atenção excessiva para a música, oferecer apoio as coisas que a criança já gosta, manter uma relação carinhosa e afetuosa em meio a dificuldades e recusas.

A compreensão do processo da comunicação nos ajuda a aproveitar desse importante meio que facilita a nossa convivência em sociedade. Como para os Autistas a comunicação verbal é um obstáculo, é possível lançar mão de outras formas de comunicação, como cantar, tocar alguns instrumentos que lhe chamam a atenção, e assim estabelecer um método que a criança se interesse e que facilite a interação com o enfermeiro (SANTOS, 2008 apud CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

É muito importante salientar que a comunicação verbal e não-verbal pode ajudar e fortalecer a ter um vínculo afetivo entre o profissional de enfermagem e o paciente autista (MORAIS et al 2009 apud CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

Existem algumas formas alternativas de comunicação que podem ser utilizadas com portadores do espectro autista, são elas: comunicação por figuras que consiste em estudar as preferências da criança e transformá-las em figuras, assim a criança utiliza figuras para solicitar ou dialogar para conseguir o que deseja. É importante, também, diversificar e disponibilizar para a criança outras figuras que não tenham sido utilizadas antes, para que a comunicação do enfermeiro e paciente seja mais eficaz (SANTOS, 2008 apud CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

Segundo Campos; Oliveira; Silva, (2010), a capacidade comunicativa é um grande instrumento que possibilita a interação do indivíduo com o meio, é através dela que conseguimos manter todas as relações em sociedade. Através de estudos, sabe-se que o autismo é definido em níveis, possibilitando uma evolução positiva, porém quando a criança é estimulada a se comunicar desde a infância, o grau de avaliação pode mudar e até mesmo permitir que a mesma tenha uma vida social.

O diálogo é um dos principais fatores para o desenvolvimento da criança com o transtorno autista, e o enfermeiro responsável pelo tratamento deve estar preparado para trabalhar essa habilidade na criança. Para isso acontecer, é fundamental que o enfermeiro não deixe de usar a comunicação, mesmo que ela não tenha sucesso de início (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

Para Campos; Oliveira; Silva, (2010), o processo de comunicação entre o profissional e a criança tem que ser iniciado desde o primeiro contato, para que a criança entenda que a intenção do enfermeiro é ajudá-la. O profissional deve explicar a criança quais os procedimentos irão ser feitos e como serão realizados, pois mesmo não

desenvolvendo a capacidade de responder não é comprovado que a criança não entenda o que está sendo dito.

A utilização de gestos, é um dos caminhos que leva a aproximação entre o enfermeiro e a criança, mas essa forma não deve ser usada com o paciente em todos os contatos, pois a repetição pode induzir a criança a não se comunicar de forma não verbal porque aprendeu, mas porque ela decorou. Quando a criança se acostuma com determinada maneira de comunicação, nota-se importante introduzir outros meios para que se possa evoluir, até que se consiga inserir a forma verbal, de uma forma natural sem forçar a criança a utilizá-la, mas demonstrando sua importância (CAMPOS; OLIVEIRA; SILVA, 2010).

A intervenção da parte dos profissionais de enfermagem deve levar em conta a valorização e o apoio da família, visando apenas novas estratégias, que busquem melhorar o convívio da criança autista para com os seus familiares, e assim, minimizar os impactos que o autismo pode trazer. (NOGUEIRA; RIO 2011).

O mais importante é que para às terapias a serem aplicadas terem mais eficiência a detecção deve ser feita precocemente, com isso a uma maior eficácia no tratamento, e assim as características básicas de convivência não sejam desaparecidas no decorrer da vida do indivíduo, mas sim aprimoradas. Família, enfermeiros, médicos, terapeutas e cuidadores, devem oferecer ao indivíduo, apoio e respeito ao seu comportamento e oferecer um atendimento e treinamento adequado, para que ele possa repeti-lo posteriormente e consiga se adaptar no ambiente que ele se encontra inserido. Pois se um paciente com transtorno do espectro autismo ter o assistência de profissionais sem a devida capacitação pode representar um atraso e dificultar mais, para o processo cognitivo (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2017).

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O autismo é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, esses distúrbios se identificam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. Devido às dificuldades que os autistas apresentam em termos de cognição e de socialização, o papel da equipe de enfermagem torna-se essencial para ajudar no tratamento das crianças com transtorno do espectro autismo. Sendo assim o enfermeiro tem o papel de orientar a família e cuidadores,



objetivando em criar estratégias voltadas a minimizar os impactos que o autismo traz ao paciente e seus familiares.

Pode-se observar que ajudar a criança com transtorno do espectro autismo é um grande desafio, pois não existe um roteiro; cada criança com o espectro se desenvolve diferente, assim a atuação do enfermeiro frente ao atendimento dessas crianças, certamente deve sempre ser voltado ao conhecimento, compreensão e aceitação das dificuldades de cada criança. Para isso, o conhecimento sobre o desenvolvimento dessas crianças, é de fundamental importância, para auxiliar o tratamento e instruir a família a conviver de forma melhor com autismo. Por isso, foi intenção com esta pesquisa apresentar informações adequadas para o enfermeiro sobre sua atuação com pacientes portadores de autismo.

O estudo buscou uma maior sensibilização dos enfermeiros, aumentando o conhecimento sobre a assistência prestada. Também procurou contribuir e auxiliar para construção de novos espaços de reabilitação psicossocial, fazendo com que esses indivíduos se sintam valorizados na sociedade. Com tudo, o papel do enfermeiro se mostrou fundamental neste processo, atentando aos sinais e sintomas do autismo e sabendo diferenciar das demais síndromes, proporcionando assim uma boa assistência à criança e seus familiares, encorajando, transmitindo segurança e tranquilidade a todos.

## V. REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. A; TEODORO, M. L. M. Família e autismo: Uma revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 133-142, dez. 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/2389>>. Acesso em: 09 out. 2018.

ALMEIDA, C. M; ALBUQUERQUE, K. Autismo: Importância da Detecção e Intervenção Precoces. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 01, p. 488-502, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/autismo>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

AZEVEDO, L. C. Autismo um Enigma para a Medicina. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, n. 207, out. 2010. Disponível em: <<http://www.enfermagematualizada.com/conteudo.php?id=1618>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

CAMPOS, M. M; OLIVEIRA, D. Q; SILVA, G. M. S. Cuidado à criança autista: a importância da comunicação entre o Enfermeiro e o Paciente. **Universidade Estácio de Sá**, Nova Friburgo, 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/cuidado-a-crianca-autista-a-importancia-da-comunicacao-entre-o-enfemeiro-e-o-paciente/55028/>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

CARNIEL, E. L; SALDANHA, L. B; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Pediatria**, São Paulo, p.255-260 set. 2010. Disponível em: <<http://www.cuidar-enfermagem.blogspot.com.br/2013/09/o-enfermeiro-frente-crianca-autista.html>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

COSTA, A. P. T. et al. Autismo: uma proposta de trabalho em psicologia e enfermagem. In: **Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem**, 2004. Disponível em: <<http://apps.cofen.gov.br/cbcentf/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/autismo%20uma%20proposta.pdf>>. Acesso em 04 mai. 2018.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.

JÚNIOR, W. C. S. O autismo infantil e a enfermagem: uma revisão bibliográfica. **Repositório Uniceub**, Brasília/DF, mai. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2557/2/20324985.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

KUPFER, M. C. Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. **Estilos da clínica**, v. 4, n. 7, p. 96-107, 1999. Disponível em:<<http://www.periodicos.usp.br/estic/article/view/60771>>. Acesso em: 08 out. 2018.

MELO, C. A; et al. Identificação Do Papel Do Enfermeiro Na Assistência De Enfermagem Ao Autismo. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá**, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/mice/article/view/1154/928>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

NOGUEIRA, M. A. A; RIO, M; MOREIRA, S. C. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 5, p. 16-21, 2011. Disponível em:<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n5/n5a03.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

OLIVEIRA, G. Autismo: diagnóstico e orientação. Parte I-Vigilância, rastreio e orientação nos cuidados primários de saúde. **Acta Pediátrica Port**, v. 40, n. 6, p. 278-87, 2009. Disponível em:<<https://www.cpjcoimbra.com/wp-content/uploads/2017/03/Autismo.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

SILVA, A, S. B; et al. A Valorização do Enfermeiro Diante do Diagnóstico Precoce da Criança Autista. In: ANAIS DA VII MOSTRA DE PESQUISA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DEVRY BRASIL. **Anais...** Belém, Caruaru, Fortaleza, João Pessoa, Manaus, Recife, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina: Devry Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/viiustradevry/29213-A-VALORIZACAO-DO->

ENFERMEIRO-DIANTE-DO-DIAGNOSTICO-PRECOCE-DA-CRIANCA-AUTISTA>. Acesso em: 06 mai. 2018.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. **Polêmica**, v. 9, n. 1, p. 40 a 56, 2010. Disponível em:<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2693/1854>>. Acesso em: 08 out. 2018.

SOUSA, A. M. B. S; SOUSA, C. S. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 01, n. 02, p 387-406, abr. 2017. Disponível em: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/criancas-transtorno-espectro-autista>>. Acesso em: 01 mai.2018.

SCHMIDT, C; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 2, 2003. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/3229/2591>>. Acesso em: 07 out. 2018.